A AFETIVIDADE COMO AÇÃO MEDIADORA NO PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

FRANQUELENE DONAI BARROS PEREIRA FORTUNATO

RESUMO: A afetividade é um tema abordado por diversos pensadores, porém pouco utilizada como ação mediadora da prática de ensino por educadores. O estudo em tela, compreende que a afetividade a ser explorada no processo de ensino não é a que do afeto no sentido da construção do vínculo de confiança e compromisso, e também do ato de afetar, de promover ações que perpassam a reflexão consciente do estudante, de estabelecer um relacionamento de confiança, pertencimento e segurança que passa a ser estímulo para o ato de aprender. Observa-se que o mínimo de vínculo é necessário para que haja interesse pelo aprendizado: seja o vínculo do pertencimento ao espaço/ambiente escolar, o vínculo com um conteúdo que mais lhe agrada, e também (e talvez principalmente) um vínculo de confiança/compromisso com o educador. Quando o ambiente escolar é permeado por uma convivência harmônica, positiva, o estudante se sente afetado positivamente, acolhido, o que o estimula a querer cada dia mais fazer parte, e isso contribui para que supere muitas barreiras que se colocam entre ele e seu processo de aprendizagem. A afetividade como ação mediadora no processo de ensino e aprendizagem é potente de forma global com todos os estudantes. A afetividade pode ser um caminho para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Compreendendo que o educando com necessidades educacionais especiais necessita de um acolhimento e abordagens metodológicas curriculares diferenciadas para que obtenha uma aprendizagem significativa, acredita-se que a afetividade pode desempenhar um papel facilitador nesse processo. Portanto, este estudo objetiva analisar a afetividade e sua valorização no processo de ensino e aprendizagem diante da inclusão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; desenvolvimento; aprendizagem; inclusão escolar.

ABSTRACT: Affection as a mediating action in the teaching and learning process is powerful in a global way with all students. Affection can be a path to building more inclusive pedagogical practices. Understanding that students with special educational needs require a welcoming environment and differentiated curricular methodological approaches in order to obtain meaningful learning, it is believed that affection can play a facilitating role in this process. Therefore, this study aims to analyze affection and its appreciation in the teaching and learning process in the face of school inclusion.

KEY-WORDS: Affection; development; learning; school inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado discorre sobre a importância da afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem no processo de inclusão escolar das crianças que apresentam necessidades educacionais especiais.

A fim de compreender melhor a relevância da afetividade na infância, uma das leituras fundamentais para a construção deste estudo foi a teoria de Henri Wallon (1968). Sua teoria centraliza-se na afetividade, considerando que o desenvolvimento humano estrutura-se em três dimensões inseparáveis: a cognitiva, afetiva e psicomotora.

De acordo com este autor, a afetividade caracteriza-se como um processo físico que direciona a consciência a voltar-se para as transformações internas e próprio conceptivas que beneficiam a percepção e análise do exterior.

Para que o processo de inclusão aconteça, a instituição escolar precisa expandir seus limites para além de sua estrutura física, entendendo que o ambiente escolar deve ser permeado pela afetividade, compreendendo que o professor é a figura com a qual a criança estabelecerá e construirá seu primeiro laço afetivo na escola.

Este estudo discorre, portanto, sobre a im-

portância da afetividade no desenvolvimento da criança portadora de necessidades educacionais especiais – na escola e na família, suas principais fontes de aprendizagem e desenvolvimento, objetivando compreender como estas relações afetivas influenciam direta ou indiretamente no desenvolvimento integral e aprendizagem significativa da criança.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1- AFETIVIDADE – CONCEITO E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A afetividade é composta pelos estados emocional e sentimental do indivíduo, constituindo-se um dos principais aspectos do comportamento humano. O sentimento é compreendido como o estado afetivo manso, prazeroso ou desprazeroso ou ainda, indiferente. As emoções são reações causadas por um grau consideravelmente elevado de prazer ou desprazer, acompanhado por uma ação motora com um nível de intensidade forte. Embora as emoções sejam nomeadas (amor, ódio...) elas são mais simples, e estão relacionadas com necessidades naturais humanas.

MAHONEY & ALMEIDA (2007, p.17) esclarecem que: "A afetividade se refere à capacidade, à disposição do ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas à tonalidades agradáveis ou desagradáveis".

Compreende-se então, que a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que possibilitam sua vivencia e experiências em forma de sentimento e emoções.

DORIN (1998, p. 30) complementa afirmando que o comportamento humano dificilmente exterioriza apenas uma emoção, exigindo uma detalhada observação do contexto em que o sujeito está vivendo para então compreender as emoções que tem experimentado. Segundo o autor, as emoções são aprendidas de acordo com o contexto cultural de cada indivíduo. VYGOTSKY (apud OLIVEIRA, 1995, p. 28) em concordância afirma que:

O homem é um ser histórico, que se constrói através de suas relações com o mundo natural e social. O processo de trabalho (transformação da natureza) é o processo privilegiado nessas relações homem/ mundo.

Nesta mesma sintonia, WALLON (2007, p. 121) esclarece que: "As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, corresponde a certo tipo de situação".

O autor acima referenciado (apud MAHONEY; ALMEIDA, 2000), afirma ainda que, a afetividade e a cognição exercem alternação na dominância, contudo não são funções independentes uma da outra. Nos primeiros meses de vida, o bebe utiliza a afetividade como forma de expressão e interação com o meio.

O desenvolvimento intelectual está diretamente ligado com o correto estímulo da afetividade. No processo de aprendizagem, os vínculos afetivos estabelecidos na escola são divididos em dois campos: negativo e positivo. Estes campos podem assumir diferentes interesses e orientam-se basicamente em eixos estruturais de personalidades e grau de estabilidade.

De acordo com PIAGET (apud LAJONQUIERE , 1998, p. 128) :

Em um primeiro sentido, pode-se dizer que aa afetividade interveem nas operações de inteligência; que ela estimula ou perturba; que ela é causa de acelerações ou de atrasos no desenvolvimento intelectual; mas que ela não será capaz de modificar as estruturas da inteligência. Em um segundo sentido, pode-se dizer ao contrário, que a afetividade interveem na estrutura da inteligência; que ela é a fonte de conhecimentos e de operações cognitivas originais.

2.2- FAMÍLIA – A MATRIZ D A APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1997, p. 68).

A constituição familiar, existente e formadora da sociedade, se constitui um dos primeiros contextos de interação social humano, exercendo a função de principal mediadora

de padrões morais e éticos, modelo de influências socioculturais. (DASMASCENO, TERTO & SILVA, 2003).
MINUCHIN (1990, p.28) faz a seguinte definição de família:

Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos. A família é unida por inúmeros lações afetivos capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida e durante gerações.
Considerada como a primeira instituição social, objetiva a segurança e bem-estar dos indivíduos que a constituem, isso significa que ela assegura o bem-estar e segurança da criança (ou ao menos deveria).
Socialmente, a família é compreendida como a principal responsável pela disseminação de valores, ideias, crenças e significados existentes em uma sociedade. Portanto, a família possui um significativo impacto e grande influência no comportamento dos sujeitos, principalmente no comportamento infantil; no ambiente familiar são aprendidas as diversas formas de ser e existir, assim como de compreender o mundo e interagir com ele e com os seus semelhantes.
Exercendo o papel de primeira mediadora entre o indivíduo e a cultura, a família desenvolve relações interpessoais de cunho afetivo, social e cognitivo que se submetem ás questões históricas e culturais de distintos grupos sociais que em sua amplitude, constituem a sociedade civil. A família é a origem da aprendizagem humana, detentora de incontáveis significados e práticas culturais peculiares que originam modelos de relações interpessoais e de amadurecimento pessoal e coletivo.
Os acontecimentos que permeiam o ambiente familiar proporcionam a formação de seleções comportamentais, constituídas de ações e reações, resoluções de situações de cunho universal (cuidados com a infância) e particulares (significado e importância da escola para determinada família).
As interações entre familiares originam as transformações sociais que influenciarão nas relações que famílias futuras estabelecerão entre si.
Entende-se então que as mudanças tecnológicas, econômicas e sociais facilitam as transformações na estrutura e padrões familiares além de repensar a função de cada membro familiar. (COLS, 2003; CAMPOS & FRANCISCHINI, 2003).
Considera-se, portanto, que a família é a encarregada de integrar as transformações sociais, acreditando que os pais exercem nesse contexto, um papel predominante na formação da personalidade do sujeito, além de sua inserção no mundo do trabalho. (TÁVORA, 2003).

2.3- AFETIVIDADE NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A rotina do espaço escolar é permeada pela diversidade e intensidade das relações estabelecidas no cotidiano. Tais relações despertam indagações que submetem educadores a um aprofundamento teórico/ intelectual para que algumas questões sejam descortinadas.
A afetividade no ambiente pedagógico é uma inquietação que desperta questionamentos relacionados com a sua influência no desenvolvimento infantil, principalmente nos casos onde a criança possui necessidades educacionais especiais.
Atualmente a educação nacional tem sido marcada por mudanças de paradigmas onde a inclusão social ocupa um espaço que requer um olhar mais profundo e reflexivo.
A inclusão escolar objetiva o desenvolvimento da criança em meio á sociedade, concedendo-lhe a oportunidade de relações interpessoais, onde é compreendida como um cidadão pensante que conhece seus direitos e cumpre com seus deveres perante a sociedade civil.
Ao nos direcionarmos a temas relacionados à inclusão escolar, podemos fazer um resgate ás políticas públicas educacionais voltadas ás pessoas com necessidades educacionais especiais, iniciando em 1968, onde um grupo de especialistas da UNESCO criou o primeiro programa de atendimento educacional especial:

Os objetivos da Educação Especial destinada ás crianças com deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas são muito similares aos da educação geral, quer dizer: possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das aptidões intelectuais, escolares e sociais. (UNESCO, 1968, p. 12).

Entende-se que a inclusão escolar é um desafio para a educação, visto que todos têm o direito à educação dentro de suas necessidades (ou não):

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais e emocionais, linguísticas e outras. Devem acolher crianças com deficiência, e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (SALAMANCA, 1994).

Diante da realidade da inclusão escolar, o professor se depara com alguns empasses que exigem um constante estudo sobre como estabelecer uma relação sadia com o aluno portador de necessidades educacionais especiais para que o resultado desta boa relação seja a evolução em seu desenvolvimento e aprendizagem.
Por meio de algumas teorias referentes ao desenvolvimento cognitivo e afetivo, é possível notar que a psicologia exerce forte influência na educação, uma vez que seu uso no campo educacional se direciona a compreender problemas educativos sejam eles comportamentais ou relacionados à distúrbios de aprendizagem. Para solucioná-los.
Para compreender a importância da afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, pode-se fazer uma análise detalhada nas teorias de desenvolvimento de Vygotsky, Piaget e Wallon.
Os estudos de Piaget, consideram a afetividade como uma espécie de motivação para o exercício da atividade cognitiva, ressaltando que a afetividade e a razão são termos que sem completam entre si. TAILLE (1992, p. 66) afirma que, de acordo com Piaget " a afetividade seria a energia que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações".
Ainda de acordo com o autor acima referenciado, compreende-se que segundo a teoria piagetiana:

Não assistimos uma luta entre afetividade e moral [...]. Pelo contrário, nas suas análises, vemos o afeto e moral se conjugarem em harmonia: o sujeito autônomo não é um "reprimido", mas sim um homem livre, pois é livremente convencido de que o respeito mútuo é bom e legítimo. Tal liberdade lhe vem de sua razão, e sua afetividade, "aderi" espontaneamente a seus ditames. (1992, p.70)

A teoria de Vygotsky apresenta uma abordagem globalizante, onde ele explica a relação firmada entre o afeto e o intelecto e, traz questionamentos sobre a divisão entre o cognitivo e o afetivo do psicológico. Para Vygotsky, não há separação entre os interesses afetivos dos aspectos intelectuais. Sobre a dimensão desta teoria, OLIVEIRA (1992, p. 76) afirma que:
Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem a sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento, e assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo – volitiva.

Já na teoria de Wallon, a afetividade é o único objeto de estudo e apontamentos. Sua colaboração para o desenvolvimento humano é a valorização dos sentimentos e emoções. De acordo com Wallon, as emoções são indispensáveis para a sobrevivência, uma vez de que desde muito pequeno, as emoções são o meio de comunicação do ser humano. Segundo DANTAS (1992, p. 85), Wallon afir-

ma que é por meio da atividade emocional que se:

Realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem.

Pode-se afirmar que a relação entre professor e aluno, de acordo com a teoria de Wallon, é um lidar com emoções. GALVÃO (1998, p113) esclarece que: "quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência encontrar caminhos para solucioná-los".

Compreendendo, portanto, que os seres humanos são criaturas de comportamentos mutáveis provocados por fatores sentimentais, físicos e intelectuais, é importante enfatizar que a afetividade exerce maior influencia no desenvolvimento do sujeito em seu processo de formação.

Assim como a família, a escola exerce uma função formativa na vida da criança. Seu papel não se limita apenas na disseminação do conhecimento científico direcionado aos campos intelectual e cognitivo, mas também na construção do caráter e da personalidade, como também na criação de situações onde se estabelece vínculos afetivos.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores. (SALTINI, 1997, p.15)

O autor acima referenciado considera que a formação intelectual está diretamente ligada ás bases afetivas, e nessa perspectiva cabe aos educadores facilitar seu surgimento. O ato do pensar solidificado sobre bases afetivas proporciona o conhecimento da realidade para que haja sua transformação. O corpo docente precisa compreender que, para que as crianças explorem suas potencialidades, necessitam conviver com pessoas que compreendam suas necessidades, subjetividades e características.

SALTINI (1997, p. 73) ainda afirma que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiologica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

A afirmação acima nos faz refletir criticamente nos casos de inclusão escolar, onde em muitos casos, a comunicação da criança com o professor (e com o mundo) se dá unicamente pelos gestos/ ações afetivas. Um choro, um riso, um sorriso ou apenas um olhar deve ser observado e compreendido para que a criança possa ser atendida na necessidade demonstrada. No ambiente escolar, as crianças manifestam flexibilidade em estabelecer esta relação afetiva com o professor. A criança precisa se sentir querida, acolhida, aceita e ouvida para que tenha liberdade e segurança para despertar sua curiosidade e desenvolver suas potencialidades e habilidades.

É possível notar em alunos com dificuldades emocionais suas limitações de aprendizagem e desenvolvimento se comparados à outros alunos sem os mesmos distúrbios emocionais. Referente a esse comportamento, MONTEIRO (2003, p.11) diante de suas análises considerou que:

Uma criança com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverá apresentar o mesmo nível operatório de outra, da mesma idade cronológica e sob con-

dições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos de equilibração que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação.

As relações e laços de afetividade são construídos através de estímulos externos que os indivíduos recebem no ambiente no qual estão inseridos. "As relações afetivas assumem um papel especial e singular no quadro educativo" (LUCK 1983, p.25). Compreende-se então que a afetividade deve ser cultivada no ambiente escolar.

Obviamente o professor como mediador das situações escolares, exerce função vital no desenvolvimento das relações afetivas no ambiente escolar. Cabe ao educador assumir uma postura facilitadora na promoção das relações afetivas no contexto educacional,

reconhecendo seu valor e importância, e comprometimento com o ato de educar. CHALITA (2004 p. 152) expressa com convicção que:

Professor que não gosta de aluno deve mudar de profissão. A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar. Professores que não vibram com alunos são como pais que preferem os filhos afastados de si o maior tempo possível.

LUCK (1983, p. 40) ainda afirma que: "O professor ensina muito menos pelo o que diz, do que pelo o que faz, e, essencialmente, pelo o que é, mais do que pelo que diz. "

A relação do professor x aluno é responsável pelos primeiros laços afetivos na instituição escolar, principalmente nos casos de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, onde a criança possui maiores dificuldades de comunicação e consequentemente de interação.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade se faz necessária na vida humana. No ambiente escolar ela é responsável por grande parte do desenvolvimento integral do educando, principalmente nos processos de inclusão escolar. Proporcionar um ambiente tranquilo e alegre, com diferentes e dinâmicas formas de interação entre ele e todos os que o frequentam são questões fundamentais para que haja uma inclusão escolar e social e não somente uma inserção da criança em um ambiente ao qual ela não compreende. ALMEIDA (1999, p.56) considera que: "a afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano".

É importante compreender que o professor afetivo não é aquele que elogia o aluno, mas aquele que compreende suas emoções, preocupando-se com as dificuldades que se tornam barreiras em seu desenvolvimento e aprendizagem, e empenha-se para ajudar a serem ultrapassadas.

Pode-se afirmar que não há inclusão sem afetividade e não há aprendizagem sem relações afetivas. Porém, vale ressaltar que a afetividade é algo de difícil compreensão para ser administrada. Trata-se de emoções e sentimentos alheios que precisam ser compreendidos. Neste processo, o professor deve estar ciente de que sua função é transformar aspectos/ comportamentos negativos em positivos, sendo um mediador de possíveis situações complicadas (porém cotidianas) no ambiente escolar.

Entretanto a afetividade é a única forma existente pela qual a inclusão escolar se concretiza, pois por meio dela resistência e preconceitos caem por terra. Porém, como já citado anteriormente, não é um processo fácil, e acredita-se que até mesmo a formação docente deve ser discutida para que a afetividade seja compreendida e utilizada no campo educacional a fim de facilitar a aprendizagem e formação integral da criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999. CAMPOS,H. R. & FRANCICHINI, R. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. Psicologia em estudo 8 (11). Pg. 119 – 129. 2003.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está

no afeto. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.
DANTAS, H. (1992) Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
DORIN, Lannoy. Introdução à psicologia. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1978 GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
LAJONQUIÈRE, Leandro de. Para repensar as aprendizagens: de Piaget a Freud - a psicopedagogia entre o conhecimento e o saber. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
LUCK, Heloísa – CARNEIRO, Dorothy Gomes. Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação. Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1983.
MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. (org.) Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
. Contribuições de Henri Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais: In.: revendo contribuições (p. 9 – 32). São Paulo: educ., 2002.
MONTEIRO, Maria therezinha de Lima. Série Texto Didático: Cognição e Afetividade.
Piaget e Freud. Brasília, Universal, 2003.
OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
OLIVEIRA, M. K. (1992) O problema da afetividade em Vygotsky, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
REGO.T.C. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.
Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2003.
SALAMANCA. portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pd – Acesso em 25/02/2018.
SALTINI, Claudio J. P. Afetividade e Inteligência. Rio de Janeiro: DPA. 1997.
TAILLE, Y. de L .; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
Távora, M. T. (2003). Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação. PSICO 34(1), 23-38.
UNESCO. Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca-Espanha, 1994.
WALLON, Henri. [1941]. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.b